

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS: PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ANTONIA MARIA ARAUJO CARDOZO

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PARNAÍBA: entre interesses comerciais e
sociais (1896-1932)

Parnaíba
2010

Biblioteca UESPI - PHB
Registro Nº M 787
CDD 981.22
CUTTER C 268.1
V _____ EX. 01
Data 05 107 12.
Visto VAPSOUSA

PHB
11
11
11
11

ANTONIA MARIA ARAUJO CARDOZO

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PARNAÍBA: entre interesses comerciais e sociais (1896-1932)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Estadual do Piauí – UESPI/ 2010, como pré-requisito para a obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof^a. Mcs Mary Angélica Costa Tourinho.

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Christiane Maria Montenegro Sá Lins CRB/3 - 952

C268s

CARDOZO, Antonia Maria Araujo

'Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba: entre interesses comerciais e sociais (1896 – 1932) / Antonia Maria Araujo Cardozo – Parnaíba: UESPI / Universidade Estadual do Piauí, 2010.

31 f.

Orientadora: M .Sc..Mary Angélica Costa Tourinho

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Universidade Estadual do Piauí, UESPI, Curso de Licenciatura Plena em História, 2010.

1. Piauí - História. I. Tourinho, Mary Angélica Costa II. Universidade Estadual do Piauí. III. Título

CDD 981.22

ANTONIA MARIA ARAUJO CARDOZO

**SANTA CASA DE MISERICÓRDIA SE PARNAÍBA: ENTRE INTERESSES
COMERCIAIS E SOCIAIS (1896-1932)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
Universidade Estadual do Piauí – UESPI/ 2010,
como pré-requisito para a obtenção do título de
graduação em Licenciatura Plena em História.

Aprovada em 20/ 02/ 2010

BANCA EXAMINADORA

Mary Angélica Costa Tourinho

Prof.ª Mcs. Mary Angélica Costa Tourinho

Universidade Estadual do Piauí

Prof.ª Mcs. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior

Universidade Estadual do Piauí

Prof.ª Mcs. Valdinar da Silva Oliveira Filho

Universidade Estadual do Piauí .

*Miguel
Donzatti
P. M. Quadi*

Agradeço primeiramente a Deus, por ser simplesmente tudo em minha vida, a professora Mary Angélica Costa Tourinho pelo apoio, ao Professor Valdinar da Silva Oliveira Filho pela força e paciência que teve durante a realização deste trabalho e a meus amigos, em especial a Sandrilene Borges do Nascimento e a todos do Instituto Histórico, Geográfico e genealógico de Parnaíba-IHGGP.

“Só uma coisa é certa: é preciso buscar. Buscar é saber olhar pela janela. Buscar é descobrir horizontes. Buscar é saber ler as fontes. Busca é também narrar, registrar. É assim que se faz a história. Talvez ai nesse horizonte expandido, comece a busca da identidade... Afinal, professor, você também escreve história! E seu aluno pode escrever? (NIKITIUK, 1996)

RESUMO

O trabalho analisa a Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba (1896) e sua relação com a Associação Comercial do Parnaíba -ACP- (1917) e a Sociedade União Caixeiral (1918). Tem como foco a figura de Antonio do Monte Furtado que foi Provedor da Santa Casa e um dos sócios fundadores da ACP e da União Caixeiral. O intuito é analisar as relações e os interesses econômicos e sociais que envolvem estas três organizações. Faz um breve histórico da Santa Casa e de alguns trabalhos de Antonio do Monte junto a estas instituições e a indivíduos que também fizeram parte destas entidades. Serviram de fontes: documentos da Santa Casa, da ACP e da Caixeiral como: regulamentos, estatutos, assim como Almanques da Parnaíba, e livros do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba- IHGGP- e algumas fontes secundárias que falam da pessoa de Antonio do Monte.

Palavras- chaves: Santa Casa. Comércio. Desenvolvimento Urbano.

ABSTRACT

This work examines the Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba (1896) and its relationship with the Trade Association of Parnaíba - ACP (1917) and the Caixeiral Union Society (1918). As the figure of Antonio Monte Furtado was provider of Santa Casa, was one of the founder members of the ACP and Union Caixeiral, the intent is to characterize the economic and social interests, mainly involved with these three organizations. Reports-a brief history of the Santa Casa, some works of Antonio Monte with these institutions and other individuals who also made part of these entities mentioned previously. Served as sources: documents of the Santa Casa, ACP and Caixeiral as: regulations, statutes, as well as the Parnaíba, Almanagues and historical Institute books, pedigree of geographical and Parnaíba - IHGGP-and some secondary sources that speak of Monte Antonio person.

Keywords: Santa Casa. Trade. Urban Development.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PARNAÍBA (1896)	12
2 ANTONIO DO MONTE FURTADO : entre a Santa Casa, a Associação Comercial de Parnaíba e a Sociedade União Caixeiral	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	27
ANEXO	

INTRODUÇÃO

As Santas Casas de Misericórdias foram instaladas, inicialmente, pela coroa portuguesa em Lisboa; estas instituições eram iniciativas de grupos de pessoas, organizadas em confrarias, tendo como objetivo principal cuidar da população carente que se encontrava jogada nas ruas. De acordo com Andrade (1996), a primeira Santa Casa de Misericórdia foi fundada em Portugal no ano de 1498, ano em que os navegadores portugueses atingiam a Índia, a mesma foi inspiração para a fundação destas instituições filantrópicas no Brasil, visto que o país ainda era uma colônia portuguesa. Essa iniciativa que partiu da rainha Dona Leonor, viúva de Dom João II, rei de Portugal, falecido em 1495, contou com a ajuda do Frei Miguel de Contreras, de origem nobre; este exerceu também o cargo de professor de teologia, além de pregador, o que lhe ajudou a frequentar diversos palácios e conquistar vários fiéis, os quais, muito colaborariam para a manutenção da instituição.

→ Partindo destes ideais de Portugal, o fidalgo português Brás Cubas inicia, no Brasil em 1542, a construção da “primeira” instituição de misericórdia, chamada de Hospital de Todos os Santos. Segundo Santos (1986), esse nome provinha de um grande hospital de Lisboa. Todavia, deve-se ressaltar que há controvérsias quanto à questão real da primeira Santa Casa instalada no Brasil, pois de acordo com Borges (1994), foi em Olinda que se estabeleceu a primeira Santa Casa do país, sendo que lá já havia sido construída uma igreja, a de Nossa Senhora da Luz em 1540, mesmo ano que também fora erguido o hospital. Assim, Ponte (2000) admite apenas que diante destas diferentes concepções, pode-se afirmar somente que durante o século XVI já haviam sido fundadas seis misericórdias no país: Santos, Olinda, Bahia, Vitória do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.

Quanto à manutenção destas instituições, as dificuldades foram características constantes. Assim como ocorrera em Portugal, no Brasil não seria diferente, por isso o destaque dado aos indivíduos que dedicaram parte de seu tempo para a manutenção destes estabelecimentos, como demonstra o contexto deste trabalho mais a frente.

As Santas Casas foram se desenvolvendo e constituindo-se a partir de uma estrutura específica, formadas pelos seguintes setores: médico-cirúrgico (a cargo de médicos), administrativo (a cargo do Provedor e diretores) e a área religiosa (a cargo das irmãs de caridade).

Com relação ao objeto de análise, a Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba, precedeu até mesmo a da capital do estado do Piauí, Teresina, criada também no século XIX. De acordo com o Decreto nº. 71, de março de 1898, p.68:

A antiga instituição beneficente denominada Santa Casa de Misericórdia de Teresina - criada e mantida sob a proteção da caridade pública, continua a preencher os seus humanitários fins - proporcionando gratuitamente socorros médicos aos indigentes que a ela recorrem e foram admitidos no seu hospital.

→ Dois anos antes deste decreto nascia a Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba (1896), fundada pelo juiz federal, Dr. Manuel Fernandes de Sá Antunes, parnaibano e reconhecido nacionalmente em virtude de sua profissão. Esta instituição, em especial, será tratada de forma mais específica no primeiro capítulo deste trabalho, onde se procura relacioná-la aos interesses comerciais e sociais das primeiras décadas do século XX, tendo como base sua relação com a Associação Comercial de Parnaíba- ACP (1917) e a Sociedade União Caixeiral (1918). Enfatiza-se ainda, no segundo capítulo, a atuação de Antonio do Monte Furtado, um elo entre estas três instituições. (O objetivo principal desta pesquisa é verificar qual a relação da Santa Casa de Parnaíba ~~com os comerciantes~~ que ~~compunham~~ estas ~~entidades mencionadas anteriormente~~ com interesses.)

→ O recorte temporal da análise situa-se entre a data de fundação da mesma (1896) até as primeiras décadas do século XX. Isso se justifica, por ser nesse mesmo período a construção da Associação Comercial de Parnaíba (1917) e da Sociedade União Caixeiral (1918). Época também, correspondente a presença de Antonio do Monte dentro destas entidades até a data de sua morte (1932).

A expansão de instituições de natureza diversa, na cidade de Parnaíba, revela o envolvimento crescente de comerciantes e caixeiros que atuaram no comércio, na educação e na saúde, expondo a importância do setor na constituição urbana desta.

→ Para a realização deste trabalho serviram de fontes alguns documentos da Santa Casa, da ACP e da Caixeiral, tais como: regulamentos e estatutos. Fez-se também uso de Almanques da Parnaíba, e livros do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba- IHGGP- e algumas fontes secundárias que falam da pessoa de Antonio do Monte. A metodologia utilizada partiu da análise de alguns documentos produzidos por estas instituições, assim como de informações sobre a pessoa de Antonio do Monte.

Com isso, dividiu-se o trabalho em dois capítulos, com o intuito de caracterizar de forma clara esta relação entre desenvolvimento urbano e comercial, bem como do saneamento básico na cidade de Parnaíba, nas primeiras décadas do século XX.

1. UM BREVE HISTÓRICO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PARNAÍBA (1896)

▷ A Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba data do final do século XIX, mais precisamente do dia 26 de abril de 1896. Como cita Athayde (1996), sua instalação resultou de iniciativa privada, tendo a frente desta empreitada o então juiz federal Dr. Manuel Fernandes de Sá Antunes, parnaibano que alcançou notoriedade na carreira, na cidade e entre as cidades vizinhas. A motivação foi decorrente da carência de investimentos ligados à área da saúde e, principalmente, pela desordem que se encontrava Parnaíba devido ao grande contingente de pessoas desocupadas e doentes pelas ruas da cidade, visto que estes, causavam inúmeros problemas para a sociedade de então, prejudicando interesses de muitos comerciantes.

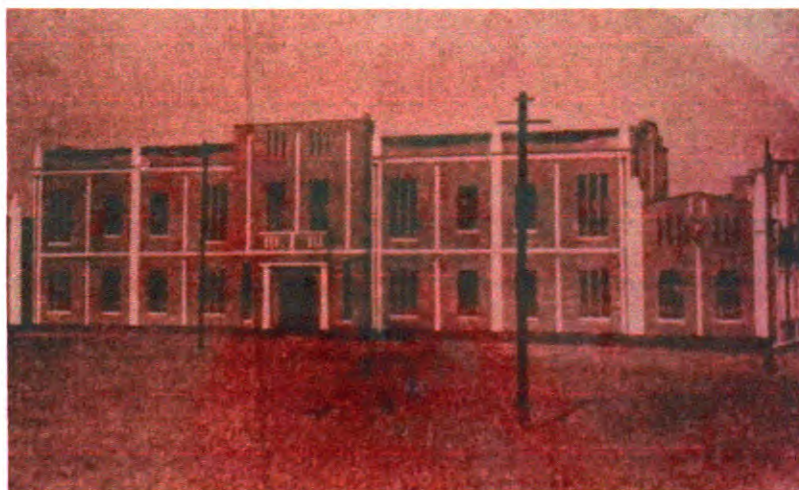


Figura 1 - Santa Casa, início do século XX. Acervo particular.

A trajetória desta instituição remonta aos acontecimentos realizados em Portugal no século XV, quando ali fora instalado o sistema das misericórdias, através da rainha Dona Leonor em conjunto com o frade Miguel de Contreras; sendo esta, localizada em Lisboa como aponta Franco (1951). O nome da instituição, de acordo com Azevedo (1969), representaria a acolhida da mãe de Deus, esta se tornou símbolo da irmandade. Com seus braços abertos estaria sinalizando um ato de caridade ao acolher a todos debaixo de seu manto. Em seus estatutos estavam regulamentadas práticas de 14 obras como observamos a seguir:

Sendo 7 espirituais (ensinar os simples, dar bom conselho, corrigir com caridade os que erram, consolar os que sofrem, perdoar os que nos

ofendem, sofrer com paciência, rezar a Deus pelos vivos e mortos) e 7 corporais (remir cativos e visitar os presos, curar e assistir aos doentes, vestir os nus, dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, dar pousada aos peregrinos e sepultar os mortos) (COMPROMISSO DE 1739).

Em relação à fundação da Santa Casa de Parnaíba, esta contou com a ajuda dos principais líderes locais, comerciantes, entre outros. Dentro desta perspectiva vale ressaltar que havia uma importância em particular com o comércio de importação e exportação que se desenvolvia nos arredores do Porto das Barcas¹, que naquela época, tinha considerável importância para o desenvolvimento da cidade/ Como mostra Athayde (1996) havia uma presença significativa de indigentes e doentes nos arredores do rio Igarapu, e isso causava certa preocupação para uma parcela significativa da sociedade que não sabia como agir diante deste perigo eminente.

→ Diante desta conjuntura local, um grupo de pessoas principalmente ligadas ao comércio, dirigiu essa luta pelos necessitados e pelo desenvolvimento da cidade de Parnaíba, como enfatiza o Almanaque da Parnaíba de 1944, ao destacar como sócios fundadores da Santa Casa de Misericórdia da cidade: Paul Robert Singlehurst, Luiz Antonio de Moraes Correia, Antonio José Tavares, José Alves de Seixas Pereira, Antonio Martins Ribeiro, Manoel Fernandes de Sá Antunes, Joaquim Antonio de Amorim Filho, Egídio O. Portífero da Mota, Manuel Fernandes Marques, Josias Benedito de Moraes, Francisco José Seixas, José Silva Ramos Filho, Francisco de Moraes Correia e Dr. João Maria Marques Bastos. Este registro no estatuto é de 26 de março de 1922, ou seja, vinte e seis anos depois da fundação. Naquele mesmo ano, ainda foram considerados também como sócios: Dr. Mirócles Campos Veras, Delbão Francisco Rodrigues, Constantino Correia, Orestes José Gonçalo, Henock H. Guimaraes, Dr. Antonio Gomes Veras, Antonio do Monte Furtado, Francisco Gomes Veras, José Euclides de Miranda, Jaime Coelho de Resende, Ruben do Monte Furtado e as senhoras: Laura Veras, Lina Ramos Correia e Proserpina Veras Barros.

Nesse contexto é necessário caracterizar a realidade local e nacional para que se compreenda de forma mais clara a fundação do referido hospital. O Brasil acabara de se

¹ O Porto das Barcas, marco da fundação da cidade, desempenhou papel preponderante na economia da região, quando foram criados imensos armazéns utilizados para estocagem de mercadorias importadas e para exportação, destacando-se as transações comerciais com Portugal, Espanha, Inglaterra, e Alemanha.

tornar uma república no ano de 1889, e um pouco antes o país extinguiu a escravidão através da Lei Áurea em 1888.

Esse fato em particular, irá causar profundas modificações tanto a nível nacional quanto municipal. A população miserável vivia marginalizada, muitos ex-escravos são vítimas de vícios e sem muita expectativa de vida. Nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda pode-se entender um pouco a questão da urbanização das cidades brasileiras:

Se este capítulo anterior se tentou fixar data de 1888 como o momento talvez mais decisivo de todo nosso desenvolvimento nacional, é que a partir dessa data tinha cessado de funcionar alguns dos freios tradicionais contra o advento de um novo estado de coisas, que só então se faz inevitável. Apenas nesse sentido é que a abolição representa, em realidade, o marco mais visível entre duas épocas. Efetivamente daí por diante estava mais bem preparado o terreno para um novo sistema, com seu centro de gravidade já não nos domínios rurais, mas nos centros urbanos (HOLANDA, 1978, p: 127)

Essa leitura nos permite visualizar as tentativas de reorganização da sociedade que se fizeram presentes após a abolição da escravidão, onde a busca por novos estabelecimentos de atendimento aos novos arranjos populacionais foi uma preocupação da época. Algumas dessas mudanças, em Parnaíba, estão relacionadas à Santa Casa de Misericórdia. “Diz-se que as Misericórdias brasileiras, de modo geral assumiram a responsabilidade em sistema de prestação de um serviço público” (ABREU, 2001, p: 601). Ou seja, a partir de sua constituição como local de atendimento médico seus idealizadores deveriam ter em mente a responsabilidade de enfrentar os desafios que os cercavam, onde os problemas eram constantes e as metas a serem alcançadas também.

De acordo com o Dr. Cândido de Almeida Athayde (1996), a Santa Casa fora instalada em casa modesta de uma porta e duas janelas localizadas na então Rua Maranhão, hoje Darcy Araújo, alugada pela diretoria que pode contratar dois funcionários apenas: uma mulher denominada “criada” e um homem conhecido como “criado”, onde a primeira cuidava das mulheres e o segundo dos homens, ambos com mesma carga horária, porém, este ganhava o dobro da primeira. Nesse endereço a instituição funcionou por três anos, tendo de ser mudada devido ao crescimento do público atendido que aumentava de forma espantosa. Havia um problema nesse ponto, não existia na cidade um prédio desocupado que pudesse abrigar a população que era atendida.

Após algum tempo de procura foi colocado à venda uma grande casa que funcionou como fazenda do Coronel Pacífico da Silva Castelo Branco, que havia falecido meses atrás, sendo assim, foi apresentada a diretoria o pedido de compra e, após muitas conversas com a viúva do coronel, a senhora Filomena Fernandes Castelo Branco, a compra pôde ser realizada.

→ No entanto, havia outro entrave para o desenvolvimento do hospital: a falta de um médico residente na cidade para dirigi-lo, uma vez que, existiam apenas os conhecidos “barbeiros”, pessoas que se dedicavam à prática da cura de pequenos males. O mais conhecido na localidade era o Dr. Sampaio, mas este já alcançava idade considerável e não poderia assumir a responsabilidade da instituição. A alternativa encontrada foi o envio de um jovem rapaz de família abastada para a Faculdade de Medicina da Bahia. Após seis anos de curso regressou a Parnaíba e assumiu a diretoria do Hospital. Seu nome, João Maria Marques Basto, mais conhecido como Dr. Joca Basto.

→ O financiamento da instituição fora uma preocupação constante nas reuniões feitas pela diretoria do hospital, isto se dava em parte pela falta de apoio governamental, uma vez que a maior ajuda vinha de doações realizadas principalmente pela classe comerciária. Estas doações nem sempre eram suficientes, por isso havia um apelo constante por maiores investimentos. Seu principal sócio fundador, Manoel Fernandes, procurou ajuda junto aos governos Estadual e Federal. Depois de muitas tentativas, conseguiu obter ajuda através de uma taxa cobrada às empresas estrangeiras que aqui tinham filiais. Essas, não receberam com agrado a solicitação, mas depois de muitas conversações o pedido foi aceito. Uma das primeiras empresas estrangeiras situadas em Parnaíba pertencia a James Frederick Clarck, a conhecida Casa Inglesa² instalada em 1849. A presença de empresas estrangeiras confirma a idéia de que Parnaíba era uma cidade desenvolvida e bem requisitada entre os comerciantes que faziam negócios com o Piauí, assim, como enfatiza o Almanaque da Parnaíba (1985 p: 09): “Proliferaram empresas estrangeiras e estrangeiros na cidade. Buscavam os frutos do comércio local; monopolizavam o comércio exportador (...). Influenciavam fortemente a vida local, alterando a linguagem, os costumes, a mentalidade (...)”.

² Segundo Freitas & Chaves, em sua obra “Presença Inglesa no Nordeste: A casa Inglesa de Parnaíba” (2003) coube à Casa Inglesa introduzir na região inovações como: máquina de costura, o primeiro automóvel, primeiro motor à diesel, dentre outras inovações que sinalizaram o progresso.

Percebe-se que a presença dos comerciantes na vida da cidade de Parnaíba, tomara importância destacada na manutenção do seu desenvolvimento. /

Segundo o estatuto da Misericórdia de Lisboa deveria haver na diretoria dessas instituições de caridade pessoas ligadas a ordem religiosa e a instituição em Parnaíba ainda não havia resolvido essa questão. O hospital então requisitou as irmãs de caridade da “Ordem Coração Imaculado de Maria”, sediada em Belém, para compor a direção. Estas, para tanto, fizeram várias exigências sendo atendidas apenas na construção de um alojamento para as mesmas.

No ano de 1915 aconteceu uma crise no hospital devido à falta de um apoio maior do governo e pela saída do Dr. Joca Basto da direção. Neste mesmo ano, parte do hospital deixava de funcionar, mas com esforços dos mais novos diretores, os médicos Antônio Godofredo de Miranda e Mirócles de Campos Vêras junto ao recém Provedor Antonio do Monte Furtado esta situação pode ser mudada. Poucos meses depois a instituição voltava a funcionar de forma completa e até mesmo alcançando destaque no seio da sociedade parnaibana. Nesse aspecto, vale ressaltar as palavras do Dr. Cândido ao recordar a figura de Antonio do Monte:

Assumi a provedoria da casa aclamado por unanimidade, o mordomo Antonio do Monte Furtado, cargo que exerceu com denodo e extrema paixão até a sua morte. Dedicado e entusiasta na prestação de serviços aos desvalidos da comunidade (...) (ATHAYDE, 1996, p:18).

A figura de um Provedor destaca-se, pois para atender ao compromisso este deveria ser:

Homem de autoridade, prudência, virtude, reputação e idade, de maneira que os outros possam reconhecer como cabeça e lhes obedeça com mais facilidades, e ainda que por todas as sobreditas partes o mereça, não poderá ser eleito de menos de idade de quarenta anos. (ZARUR, 1985, p: 34).

Neste caso, de acordo com os estatutos da Santa Casa de Parnaíba:

Art.25º Compete ao provedor: 1º representar a Sociedade ativa e passivamente, em juízo ou fora dele, constituindo Procurador Geral. 2. Administrar a casa em todos seus serviços e patrimônios. 3. Propor a Mesa Administrativa as medidas necessárias a boa gestão da Santa Casa (CARTÓRIO ALMENDRA- 1º OFÍCIO. REGISTRO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PARNAIBA, 1946).

Ser Provedor implicava em muitas responsabilidades e também prestígio social, como observa Coimbra (1986), que complementa essa ideia ao relatar que, para muitos, essa entrada representava o reconhecimento social. Assim, quem ocupava os cargos administrativos nessas instituições eram, geralmente, políticos, ricos comerciantes e nobres titulares e, no caso particular da Santa Casa de Parnaíba, tais cargos eram ocupados principalmente por comerciantes reconhecidos na cidade, a exemplo de Antonio do Monte Furtado, personalidade de grande importância para a consolidação da prestação de muitos serviços dentro da Santa Casa, o que será evidenciado no próximo capítulo deste trabalho.

2. ANTONIO DO MONTE FURTADO: entre a Santa Casa de Misericórdia, Associação Comercial de Parnaíba e a Sociedade União Caixeiral

Antônio do Monte Furtado foi um Provedor de destaque, devido aos inúmeros benefícios que fez em favor da entidade Santa Casa de Misericórdia e da cidade de Parnaíba e também por compor a Associação Comercial de Parnaíba –ACP (1917) e a Sociedade União Caixeiral (1918).

—▶ Antônio do Monte foi um homem ativo dentro da cidade e soube articular de forma coerente sua ascensão social e também ajudou no desenvolvimento econômico de Parnaíba, tendo como base o comércio. Sobre a sua história ressalta-se o fato de ter chegado muito jovem na cidade e ser proveniente de família humilde. Conseguiu, com esforço, enriquecer e ainda o apoio de muitos comerciantes já conceituados na cidade, como era o caso do proprietário da Casa Inglesa o Sr. James Frederick Clarck. Seu enriquecimento foi espantoso para a época:

Decano dos caixeiros em Parnaíba, primeiro caixeiro da Casa Inglesa local, estabelecimento número 1 na época de que falamos, grande espírito coletivo, homem da sociedade, enfim um grande batalhador em prol dos interesses sociais da União Caixeiral e exemplar chefe de família, foi presidente duas vezes (BARRO, 1975, p: 01).

Sua figura como provedor e comerciante entrelaça-se à história de Parnaíba, pois sua carreira ajudou no desenvolvimento deste município.

No tocante à relação entre o desenvolvimento da cidade e a história da Santa Casa, esta se mostra como símbolo das mudanças e da urbanização, pois compunha junto com outros prédios públicos, como igrejas, um núcleo visto como um dos maiores, dentre as cidades do Piauí. Quando se fala em urbanização, Bresciani³ (1985) aponta algumas características dos centros urbanos, onde estes representariam, nessa época, o lugar de culminância de novas sociabilidades, como resposta à perda da identidade rural e de suas raízes socioculturais, substituídas nas cidades modernas⁴ pelas novas idéias de progresso, transformação e melhoramento, resultante do crescente domínio da natureza pelo homem.

³ Para mais informações conferir seu trabalho mais recente: Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos: São Paulo (1850 – 1950), publicado pela editora da UFRGS em 2001.

⁴ Sobre o processo de modernização de Parnaíba ver: Almanaque de Parnaíba, 1985, p.: 09.

Essas transformações pelas quais passava Parnaíba foram sustentadas em grande parte, pelo conjunto de instituições que tomaram para si essa tarefa de desenvolvê-la.

Cont. 2.1
memo

Nesse contexto, a ACP (Associação Comercial de Parnaíba) integrava o processo de instauração de um novo cenário econômico e urbano e consubstanciava o pólo principal do desenvolvimento local - o comércio - influenciando outras instituições como a Santa Casa.

→ De acordo com seus regulamentos a ACP deveria prestar grandes serviços à cidade, principalmente a população pobre, com a fundação de escolas técnicas- profissionais, instrução de crianças pobres, ajuda financeira a todas as instituições beneficentes locais (LIMA & CORREIA, 1944, p. 56).

A Associação passa a atuar em muitos espaços parnaibanos, e parte de seus sócios irão muito além de seus domínios comerciais, destacando-se até mesmo na política, como é o caso de Ademar Neves⁵.

A intenção principal dos trabalhos da ACP voltava-se para o desenvolvimento do comércio do Piauí, todavia, seu intuito em Parnaíba estava ligado ao desenvolvimento local como um todo. A Santa Casa é destaque nestes interesses, já que a saúde é parte integrante deste processo de modernização. Desta forma, seria contraditório desenvolver apenas o comércio, pois, quando aqui chegassem comerciantes de outros lugares, estes se deparariam com a cidade suja e repleta de doentes pelas ruas, o que comprometeria a imagem de urbanização e desenvolvimento da mesma, implicando negativamente nessas relações comerciais.

A cidade de Parnaíba se destacava como entreposto comercial considerável para o Piauí, tendo a frente uma classe que passara a realizar mudanças até mesmo na arquitetura local, com a construção de edifícios modernos e casarões nos moldes europeus. O próprio Antonio do Monte dedicou-se a construção de várias casas, como destaca o discurso de Rubem Freitas (2004) do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba (IHGGP) que o escolheu para patrono de sua cadeira número 15: “Legou a Parnaíba vários melhoramentos frutos de vontade, construindo casas de estilo técnicas e modernas, que a

⁵ Ademar Gonçalves Neves além de comerciante e prefeito de Parnaíba (1931- 1934) foi também sócio-fundador da União Caixeiral (1918) e sócio-proprietário da firma “A.G. Neves & Cia. Ltda”. Sobre a vida e obra de Ademar Neves ler Silva (1983).

embelezaram elegantemente”. Complementado a figura de Antonio do Monte a escritora Aldenora Moreira, também do IHGGP, dedica um capítulo em seu livro Personalidades Atuantes na História de Parnaíba- Ontem e Hoje e o descreve como:

→ (...) Altruísta, modelo de honra de dignidade a seguir, homem inteligente e cheio de sonhos, conquistou a confiança de muitos, mas seus méritos estão na Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba, onde sua missão foi de apóstolo, idealista o levou ao cargo de Provedor. Dado sua dedicação humana procurou sempre ajudar aos carentes, merecido o cargo de Provedor justamente pelos seus anos dedicados ao trabalho de filantropia. (OBRA NÃO PUBLICADA).

Antonio do Monte também tem destaque na União Caixeiral como destaca Passos (1982, p. 54):

Da instituição União Caixeiral que tem como lema o seguinte 'A justiça manda que de antemão se ponha em relevo os nomes dos idealistas que se entregaram de alma e coração, numa atividade dinâmica, em prol da União Caixeiral' _ Antonio do Monte Furtado e Luiz Nelson de Carvalho. Foram realmente os grandes idealizadores, pois jamais estivera um momento de desânimo triunfando contra todos (...).

→ A trajetória desta escola remete aos interesses que permeavam o pensamento de então, pois era necessário para os comerciantes locais expandirem o ensino comercial no Estado, e também as suas práticas de trabalho, ou seja, o comércio além de suas atividades inerentes, auxiliava áreas como da saúde, importantes para o andamento dos negócios, como se percebe em um dos preceitos do Estatuto da União Caixeiral: (Capítulo V) “Dos direitos dos Sócios: Art.25º São direitos dos sócios efetivos em pleno gozo de prerrogativas: (...) ter assistência médica”. (ESTATUTO DE 07 DE MARÇO DE 1946, p: 09) Essa assistência, em parte, era feita através da Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba, onde os sócios da associação eram atendidos de modo diferenciado no hospital, pois estes eram benfeitores dessa instituição contribuindo através de doações para a manutenção do mesmo. Seguindo esta perspectiva Bacelar (1988, p. 23) complementa:

A classe de empregados do comércio de Parnaíba, tendo em vista o grande desenvolvimento do comércio local e considerando mais que esta cidade já era, então o principal centro de negócios piauienses, principalmente por que seu porto marítimo se fazia para o sul do país (...) resolvem fundar uma sociedade civil discriminada UNIÃO CAIXEIRAL, cujo fim seria ampliar a classe, já prodigalizando-lhe instrução adequada a fins comerciais, já proporcionando assistência médica e hospitalar aos seus sócios em caso de doença.

A assistência realizada no hospital decorria da aproximação de entidades particulares, uma vez que havia certo abandono por parte dos governos Municipal e Estadual quanto ao financiamento direto da Santa Casa. A forma de entrada dos doentes também enfatiza essa relação, visto que se dava de duas maneiras: por meio da procura espontânea, através dos consultórios ou por indicação das instituições que a patrocinavam como a ACP e a União Caixeiral.

A Associação Comercial de Parnaíba em seus regulamentos afirmava que deveria ajudar a toda e qualquer instituição que tivesse seus trabalhos voltados para a caridade, sendo assim vale ressaltar de acordo Lima & Correia (1944) que esta ajudou a Santa Casa na aquisição de um aparelho de Raio-X, através de uma campanha realizada em parceria com o Governo Federal. O objetivo era contribuir para que a Misericórdia parnaibana pudesse aumentar os serviços dispensados à comunidade e continuasse atendendo aos sócios da ACP.

Muitos dos comerciantes, sócios da Irmandade da Santa Casa integravam tanto a ACP quanto a Caixeiral, sendo o então Provedor Antonio do Monte Furtado, um dos maiores exemplos, além de outros como Alarico José da Cunha que trabalhou como mordomo na Santa Casa; Rubem do Monte Furtado como subsecretário; Josias Benedito de Moraes Correia como tesoureiro; Raimundo Machado de Moraes também da diretoria; José Narciso da Rocha Filho, mordomo; Septimus Castelo Branco Clark, mordomo; Ademar Neves e José de Moraes Correia que tiveram destaque ainda na política parnaibana, sendo prefeitos.

→ O destaque destes comerciantes caracteriza o dinamismo econômico da época, onde o comércio era intenso possibilitando o desenvolvimento de uma estrutura local que elevava a cidade a uma posição de evidência no cenário piauiense. A relação deste grupo social com a cidade criou uma situação peculiar para Parnaíba, pois se constatou que estes assumiram em grande parte ações que, teoricamente, deveriam estar a cargo dos governos Estadual e Municipal. Uma vez que era inexpressivo o apoio destes para o desenvolvimento da cidade. Muitos, de simples comerciantes, alcançaram a política como já fora mencionado, assim como a presidência de Instituições como a ACP, a Associação União Caixeiral e a Provedoria da Santa Casa, caso de Antonio do Monte Furtado. Este homem ligado, inicialmente, ao comércio realizou ações sociais na área da saúde, da

educação, enfim galgou postos de alta relevância para a sociedade de então, ajudando na modernização e desenvolvendo Parnaíba.

Hoje parte desta instituição leva o nome deste Provedor, o “Pavilhão Antonio do Monte Furtado”, construído em 1928 e ainda a praça que fica na frente do hospital também chamada de “Praça Antonio do Monte Furtado”. Nesse sentido, vale ressaltar uma troca de correspondência realizada por ele a um amigo onde lhe relata que:

(...) Voltei-me de corpo e alma para meu projeto de construir um pavilhão para a Santa Casa (...) tenho a satisfação em lhe comunicar, que as obras estão cobertas, toda assoalhada em cima faltando cinco dos quartos de baixo para isso. Estão colocadas 36 rotulas do Pará e estão se colocando 25 compartimentos de que se propõe o mesmo, além da escada, poço, fossa e arranjo para três cisternas (...) Se Deus quiser pretendo inaugurá-lo em 1928 (...) (BARRO, 1975, p: 18).

Assim também enfatiza Renato Neves Marques:

(...) Em 1927 o Provedor Antonio do Monte Furtado, no sentido de melhorar o hospital com uma seção para pensionistas, deu início a construção de um pavilhão de dois pavimentos, na área de meia águas contíguas ao estabelecimento que havia comprado de dona Filomena Castelo Branco (...) o novo pavilhão construído com uma economia existente e ajuda de vários donativos, inicialmente possuiu 21 compartimentos(...) esta obra esteve a cargo do arquiteto português Justiniano Vieira(...) Deu-se o nome de “Pavilhão Antonio do Monte” em homenagem ao Provedor que muito fez pelo estabelecimento. (ALMANAQUE DA PARNAIBA 1996, p:225)



Figura 2 - Entrada do Pavilhão Antonio do Monte - Santa Casa.

Acervo particular, 2010.



Figura 3 - Fachada externa do Pavilhão Antonio do Monte.

Acervo particular, 2010.

Constatou-se, dessa forma, que este procurou participar diretamente de instituições que mobilizavam Parnaíba para o “progresso” esperado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba nas primeiras décadas do século XX, em muito se entrelaça aos interesses comerciais da época, pois como se verificou havia um interesse claro da classe dos comerciantes em transformar Parnaíba no principal centro comercial do Piauí, sendo que para isso, era necessário que a cidade demonstrasse um desenvolvimento urbano considerável. Para tanto, deveria ser um espaço que chamasse a atenção dos que aqui chegassem para realizar as atividades comerciais.

Após a construção do hospital uma parte dos indigentes e doentes que viviam nos arredores do porto puderam ter um local para serem levadas, quando necessitassem. Nesse aspecto, buscou-se resolver duas questões, a primeira foi a “limpeza” desse espaço tão frequentado pelos empresários comerciantes, e a segunda, o trato destes doentes carentes de recursos, motivo capaz de justificar a intervenção de muitos comerciantes na manutenção da Santa Casa, já que estes eram os que tinham melhores condições econômicas e a classe mais preocupada com o desenvolvimento de Parnaíba. Com isso, o objetivo de toda a caridade demonstrada ia de encontro à legitimação de seu poder diante da organização do trabalho, da manutenção da ordem pública e da resolução dos problemas das doenças contagiosas, historicamente comprometedoras, no trato das questões comerciais.

Os investimentos ligados à área da saúde eram escassos e, assim, parte da sociedade tomou para si esta tarefa, tendo a frente os comerciantes. Muitas mudanças e novidades foram constatadas na cidade, como a construção de casas no estilo europeu, a chegada de empresas estrangeiras, o que acelerou as transações comerciais com o exterior, a construção de escolas (como a própria União Caixeiral) que tornou o ensino uma preocupação também para o desenvolvimento que se almejava alcançar, e a instalação da Associação Comercial de Parnaíba em 1917, objetivando equipar melhor, o comércio local quando comparado a capital, Teresina, e outras cidades do Piauí. Enfim, havia uma série de detalhes que deveriam ser levados em consideração para que se pudesse melhorar o cenário urbano parnaibano e esse fosse percebido como desenvolvido perante aos olhos do Estado e, com isso, a cidade pudesse receber maiores investimentos do governo.

As atividades realizadas no Hospital acompanharam as transformações do mundo “moderno” parnaibano. Assim a assistência à saúde fazia sua entrada na condução dos

acordo com o convênio estabelecido com este órgão. Campos (1993) complementa essa perspectiva ao relacionar o poder econômico governamental e os convênios com a rede privada, e de acordo com a sua abordagem, o Estado em face de sua carência perante os hospitais com seus elevados custos, considera mais conveniente manter relações com convênios que manter a demanda por saúde e assumir os gastos com os hospitais públicos.

Assim encontra-se a Santa Casa, adaptada às novas exigências da atualidade. Sua sobrevivência, que um dia fora vinculada quase que exclusivamente de doações e relações com entidades como a ACP e a União Caixeiral, agora depende quase que diretamente do governo. Se na época de sua fundação e nos anos seguintes esta relação foi difícil, na atualidade ela continua a desejar.

REFERÊNCIAS

- ALMANAQUE DA PARNAÍBA. **Parnaíba**: Associação Comercial, ed.1944, 1985. ✓
- ABREU, Lauriane. **O papel das Misericórdias dos “lugares de além mar” na formação do império português**. História, Ciência e saúde. Manguinhos. V.8, nº 03. 2001. ✓
- ANDRADE, Wilma T. F. **Conexões da História de Santos e Portugal**. Leopoldinaum. 1996. ✓
- ATHAYDE, Cândido de Almeida. **Almanaque da Parnaíba**, 1996. ✓
- AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de. **O Rio de Janeiro: suas histórias, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidade**. Rio de Janeiro: livraria brasiliana editora, 1969.
- BACELAR, Raul Furtado. **Palavras e Amigos**. Parnaíba: Gráfica e Editora Júnior LTDA, 1988.
- BARRO, R. Pena Fonte. **Memórias de Luiz Nelson de Carvalho**. Parnaíba, s/e, 1975.
- BORGES, D.O. **O Papel das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos na Saúde do Brasil** : Informativo Hospital Brasileir. São Paulo, 1994. ✓
- BRESCIANI, M. S M. **Metrópoles: as fases do monstro urbano (as cidades no século XIX)** Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 5, n. 8/9, set. 1984/ abril 1985.
- CAMPOS, J. Q. **Fundamentos da Saúde Pública e Administração**. São Paulo: DAG, 1991.
- CARTÓRIO ALMENDRA – 1º Ofício – **Regulamento da Santa Casa de Parnaíba**, 1946.
- COIMBRA, Luiz Octavio. **Filantropia e racionalidade empresarial (a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro de 1850 a 1920)**. Revista do Rio de Janeiro, Niterói, 1986.
- COMPROMISSO da **Santa Casa de Misericórdia de Lisboa**. Lisboa ocidental: oficina de Manoel Fernandes da Costa (impresso do santo ofício), MDCCXIX. (Rio de Janeiro: impresso na tipografia do apóstolo, 17/02/1739).
- CAIXEIRAL, União. **ESTATUTO**. 1946

FRANCO, J. A **Beneficência**. Santos. 1951.

FREITAS, Rubem. **Discurso de Elogio: Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba**: Fundação Dr. Raul Furtado Bacellar: Gráfica Freire.2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: 1978.

LIMA, B.S. & CORREIA B.J. **O Livro do Centenário da Parnaíba**.1944 ✓

MARQUES, Renato Neves. **Almanaque da Parnaíba**. 1996. ✓

MOREIRA, Aldenora. **Personalidades Atuantes na História de Parnaíba- Ontem e Hoje**. 2010. Não publicado.

PASSOS, Caio. **Cada Rua sua História**. Parnaíba: 1982.

PIAUI. Decreto nº 71. Art. 1º, 17 de março de 1898. **Define o papel caritativo da Santa Casa de Misericórdia**, Teresina tipografia do Piauí, 1898.

—PONTES, J. L. **500 Anos de Brasil e Misericórdias**. Em pauta: Santa Saúde, D. F. Ano 01, nº. 01.2000.

—SANTOS FM: **História de Santos**, 2 ed. São Vicente. São Vicente. São Paulo. Caudex Ltda. 1986.

ZARUR, Dahas Charde. **História da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: gráfica Itambé. 1979.

ANEXO



Figura 01: Fachada principal do Hospital
Acervo pessoal 2010



Figura 02: Fachada da Igreja do Hospital
Acervo pessoal 2010



Foto 03: Lateral do Hospital
Acervo pessoal 2010



Foto 04: Praça Antonio do Monte Furtado
em frente ao Hospital.
Acervo pessoal 2010



Foto 05: Interior da Igreja do Hospital
Acervo pessoal 2010



Foto 06: Imagem do Padroeiro Hospital
São João Batista. Acervo pessoal 2010